14. CAPOEIRA E MACULELÊ: APROFUNDANDO E AMPLIANDO O CONHECIMENTO DOS ALUNOS SOBRE AS PRÁTICAS CORPORAIS AFRO-BRASILEIRAS

Pedro Xavier Russo Bonetto

O relato a seguir é o registro de uma experiência pedagógica ocorrida no segundo semestre de 2017, com os 3os anos do Ensino Fundamental I, em uma escola pública municipal da cidade de São Paulo.

O trabalho desenvolvido partiu do chamado currículo cultural do componente, descrito tanto no documento oficial lançado no ano de 2016, quanto no documento elaborado e publicado no decorrer de 2017.

> A partir desse referencial teórico propõe-se outro papel social para a área, baseada na intervenção pedagógica e numa nova epistemologia: "**a expressão corporal como linguagem**", **a cultura corporal** (São Paulo, 2016[72], p. 11)

> Para se compreender o papel da Educação Física no Ensino Fundamental, vale destacar alguns pontos referentes à experiência do fazer escolar desse componente curricular dentro da escola. Se em décadas passadas, saber fazer ou jogar bem alguma prática corporal da Educação Física era o objetivo máximo da vivência escolar, hoje se entende, a partir dos diversos estudos e discussões da área, que muitos fenômenos estão associados ou ligados de forma imanente à **cultura corporal**, e sua compreensão se faz uma tarefa

72. SÃO PAULO, Divisão de Ensino Fundamental e Médio. *Direitos de aprendizagem dos ciclos interdisciplinar e autoral*: Educação Física. Coleção Componentes Curriculares em Diálogos Interdisciplinares a Caminho da Autoria) – São Paulo : SME / COPED, 2016.

> urgente e fundamental para a aprendizagem dos estudantes (São Paulo, 2017[73], p. 69)

Em relação ao Projeto Político pedagógico da unidade escolar, destaco que o tema versava sobre os direitos humanos e a relação destes com a aprendizagem dos estudantes. Analisando o documento da Unesco[74] (1948) destacamos:

> Artigo 2
> 1. Todo ser humano tem capacidade para gozar os direitos e as liberdades estabelecidos nesta Declaração, sem distinção de qualquer espécie, seja de raça, cor, sexo, língua, religião, opinião política ou de outra natureza, origem nacional ou social, riqueza, nascimento, ou qualquer outra condição.
> 2. Não será também feita nenhuma distinção fundada na condição política, jurídica ou internacional do país ou território a que pertença uma pessoa, quer se trate de um território independente, sob tutela, sem governo próprio, quer sujeito a qualquer outra limitação de soberania.
> Artigo 3
> Todo ser humano tem direito à vida, à liberdade e à segurança pessoal.
> Artigo 4
> Ninguém será mantido em escravidão ou servidão; a escravidão e o tráfico de escravos serão proibidos em todas as suas formas.
> Artigo 6
> Todo ser humano tem o direito de ser, em todos os lugares, reconhecido como pessoa perante a lei.
> Artigo 27
> 1. Todo ser humano tem o direito de participar livremente da vida cultural da comunidade, de fruir as artes e de

73. São Paulo (SP). Secretaria Municipal de Educação. Coordenadoria Pedagógica. *Currículo da Cidade*: Ensino Fundamental: Educação Física. São Paulo: SME/COPED, 2017.

74. Declaração Universal dos Direitos Humanos. Disponível em: <https://uni.cf/2OVouZo>. Acesso em: 20 ago. 2018.

> participar do progresso científico e de seus benefícios. 2. Todo ser humano tem direito à proteção dos interesses morais e materiais decorrentes de qualquer produção científica literária ou artística da qual seja autor.

Outro elemento decisivo nas escolhas curriculares deste início de semestre foi a tematização desenvolvida nas aulas de Educação Física sobre as brincadeiras de diferentes grupos culturais, divididos nos blocos temáticos: "brincadeiras que nós conhecemos", "brincadeiras dos povos africanos", "brincadeiras dos povos indígenas brasileiros", "brincadeiras de outras culturas e outros países" e "brincadeiras comuns ou parecidas a várias culturas".

Nesta ocasião, por exemplo, já havíamos abordado questões sobre as identidades dos povos indígenas brasileiros e sobre as pessoas africanas trazidas ao Brasil no tráfico escravagista.

> Ouvindo os comentários dos alunos e alunas, penso que foi muito importante para eles observarem os modos de vida, a língua, hábitos diferentes, a nudez, as crianças ajudando nos afazeres da tribo, os rituais religiosos e outros elementos ilustrados nos filmes. Ficaram muito surpresos com o que viam e fizeram muitos comentários. Nessa perspectiva, ainda que destacando a riqueza cultural, a beleza e a alegria destes povos, no que tange suas culturas e seus papéis da formação do povo brasileiro, também foi importante tratar dos sofrimentos, mostrar a realidade e as histórias de violência do passado e do presente, da escravidão e da falta de dignidade e da negligência que tratamos os povos indígenas e os afro-brasileiros. (Bonetto, 2018[75], p. 221)

Deste modo, buscando dar continuidade às discussões do primeiro semestre, propusemos, inicialmente, a tematização da capoeira.

---

75. BONETTO, P. X. R. Brincadeiras de "todo mundo"? Inspirações pós-coloniais na Educação Física. In: MALDONADO, Daniel T.; NOGUEIRA, Valdinele A.; FARIAS, Uirá S. (orgs.) *Os professores como intelectuais*: novas perspectivas didático-pedagógicas na Educação Física Brasileira. Curitiba: CRV, 2018. p. 213-230.

Primeiro, mapeamos o que os alunos e alunas sabiam sobre a história do povo brasileiro, sua constituição, heranças, grupos culturais, questões sociopolíticas, entre outras. Percebemos também que nas duas turmas havia crianças que praticavam ou já haviam praticado capoeira em algum momento da vida.

Ainda neste bate-papo inicial, eles demonstraram o que sabiam, disseram onde aprenderam e sobre o que mais gostavam da luta. Assim, começamos a nossa experiência curricular, com os golpes e gestos que os próprios alunos e alunas sabiam realizar. Começamos com alguns chutes, mas logo uma aluna destacou a importância da ginga. Ela nos ensinou, corrigiu o movimento dos próprios colegas e ainda nesta aula os estudantes já estavam brincando de jogar capoeira em duplas, um gingando na frente do outro.

Nas aulas seguintes, combinamos de realizar uma conversa antes da vivência. Então, sentávamos em roda na quadra, o professor falava um pouco sobre a capoeira e não demorava para que os alunos começassem a fazer perguntas. Conversamos inicialmente sobre o porquê do nome capoeira[76] e o contexto histórico desta manifestação cultural. Falamos sobre o sequestro ocorrido no continente africano, sobre os navios negreiros, sobre o trabalho forçado aqui no Brasil, sobre o capitão do mato, casa grande, senzala e outras coisas.

Dando prosseguimento à experiência pedagógica, em uma das aulas solicitamos aos alunos que eles desenhassem o que tinham aprendido sobre a história da capoeira.

76. Alguns dizem que era o nome dado ao mato, matagal, restinga que os negros se escondiam, brincavam e jogavam essa luta.

Figura 1. Desenho de um navio negreiro elaborado por um aluno
Fonte: Acervo do autor.

Como havíamos tematizado anteriormente inúmeras brincadeiras africanas, os alunos e alunas já tinham conhecimento dos processos de escravização dos povos africanos para fins de trabalho forçado, já sabiam localizar em mapas os continentes americano e africano, já tínhamos discutido sobre os aspectos étnico-raciais de discriminação, exclusão, racismos e preconceito envolvidos e desenvolvidos a partir da escravidão.[77]

> Abordamos este tema em várias aulas, em uma delas, perguntei quem ali se considerava negro ou negra. O resultado foi: "*minha mãe disse que eu sou chocolate, moreninha*", "*eu sou negro claro*", "*eu sou moreno*", "*eu sou branco, mas minha mãe é negra*", e por aí vai. Ao contar sobre a escravização de pessoas negras em um longo período da história do Brasil, da violência dos povos europeus no sequestro destas pes-

77. Enquanto homem branco, confesso que é difícil tratar destes assuntos, uma vez que o racismo é aquele tipo de coisa que só sabe realmente os efeitos quem passa por eles. Ciente do racismo velado e dos processos de discriminação que me trazem, mesmo sem minha consciência, certos privilégios, pensamos em elaborar um currículo pós-crítico, buscando justamente a desconstrução e análise genealógica dos discursos raciais. Em nenhum momento busquei me colocar como especialista sobre o tema, buscando representar certos grupos culturais ou algum tipo de sujeito isento destas condicionantes.

> soas, não poupei os detalhes deste triste capítulo. Falei do quanto isso foi hediondo e do quanto foram guerreiros e guerreiras aquelas pessoas que de certa forma se opuseram e ofereceram resistência. Disse também que era muito provável que todos de nós tivéssemos mesmo que distantes parentes negros, ressaltando que isso deve ser motivo de orgulho. (Bonetto, 2018, p. 216-217)

Nas aulas seguintes, começamos a praticar os gestos e golpes da capoeira com músicas da internet reproduzidas em caixa de som. Aos poucos, conseguimos um berimbau emprestado, depois o professor do primeiro ano levou outro berimbau e passou a nos acompanhar em algumas aulas, conseguimos um atabaque e achamos na escola dois agogôs e um reco-reco, assim a bateria foi se formando.

Muitas músicas foram utilizadas como materiais pedagógicos para tratar do tema por nós estudado. Sobre os instrumentos, as crianças adoravam quando cantávamos:

O que é berimbau?
A cabaça, arame e um pedaço de pau.

Mas o que é berimbau?
A cabaça, arame e um pedaço de pau

******

Meu atabaque e de couro de boi,
Meu atabaque e de couro de boi,
Meu atabaque e de couro de boi,

Olha o meu atabaque
É de couro de boi

Olha o meu atabaque
É de couro de boi

Figura 2. As crianças tocando os berimbaus e o atabaque
Fonte: Acervo do autor.

Sobre o contexto histórico-cultural da capoeira, os alunos e alunas já eram bastante conhecedores. Nesta ocasião, com a temática da capoeira tentamos demonstrar isso com algumas músicas e ladainhas[78] da capoeira que tratavam sobre o assunto.

Quando eu venho de Luanda eu não venho só
Quando eu venho de Luanda eu não venho só

Quando eu venho de Luanda eu não venho só (coro)
Quando eu venho de Luanda eu não venho só (coro)

O trago meu corpo cansado, coração amargurado
Saudade de fazer dó.
Quando eu venho de Luanda eu não venho só
Quando eu venho de Luanda eu não venho só

Quando eu venho de Luanda eu não venho só (coro)
Quando eu venho de Luanda eu não venho só (coro)

78. Cântico que é entoado na roda de capoeira, tradicionalmente na capoeira de Angola, que, seguindo a tradição, deve ser cantada por um mestre mais velho e/ou mais considerado, ou outra pessoa que seja autorizada pelo mestre da roda.

Eu fui preso à traição trazido na covardia
Que se fosse luta honesta de lá ninguém me trazia
Na pele eu trouxe a noite na boca brilha o luar
Trago a força e a magia presente dos orixás

Quando eu venho de Luanda eu não venho só
Quando eu venho de Luanda eu não venho só
Eu trago ardendo nas costas o peso dessa maldade
Trago ecoando no peito o grito de liberdade
Que é grito de raça nobre grito de raça guerreira
Que é grito da raça negra, é grito de capoeira.[79]

Não demorou para que misturássemos tudo, instrumentos, canto, golpes e os rituais do jogo. Em alguns casos, eles e elas pegavam os instrumentos, iam tocando, tentando harmonizar o som dos instrumentos com a voz de quem estava cantando, os demais repetiam o coro e batiam palma. Enquanto isso, outros já se abaixavam no "pé do berimbau" e combinavam as duplas de jogo.

Figura 3. Os alunos e alunas tocando e jogando na roda de capoeira
Fonte: Acervo do autor.

Ainda sobre os procedimentos pedagógicos utilizados, assistimos a vídeos de rodas de capoeira, assistimos ao documentário

79. *Arrancado de Lá Luanda*. Disponível em: <http://bit.ly/2xHdTea>. Acesso em: 20 ago. 2018.

Mestre Bimba: capoeira iluminada[80] de 2005, que ilustra o contexto histórico da capoeira a partir de depoimentos de grandes mestres, ex-alunos de Mestre Bimba e historiadores.

Os alunos gostaram bastante de assistir o documentário, principalmente quando mostrava as rodas de capoeira e os capoeiristas fazendo seus golpes. Eles conseguiram também identificar alguns golpes que já tínhamos aprendido na escola, por indicação dos alunos que já tinham feito capoeira em outros lugares. Com a ajuda do professor que também conhecia um pouco de capoeira, não demorou para que os alunos aprendessem: aú (estrelinha), ginga, chapa, esquiva, martelo voador, rasteira deitada, benção, chapa, queixada, armada, etc. Falamos também de como os golpes se combinavam em um movimento constante de ataque e contra-ataque.

Em uma das aulas, lembrando-se do que tinha assistido no documentário do Mestre Bimba, um aluno tentou um golpe bem abaixado e lento, disse para os colegas que era capoeira de Angola. Os demais gostaram e passaram a imitá-lo. Nesse dia, conversamos mais sobre a capoeira de Angola, que é outro estilo de capoeira, mas que, apesar de parecer mais devagar e bem rasteira, ela também possui golpes fortes. Lembramos que, na verdade, a capoeira que conhecíamos, a "capoeira regional", foi uma invenção do Mestre Bimba criada a partir da "capoeira de Angola".

Em outra aula, fomos à informática educativa e fizemos pesquisas sobre a capoeira, achamos vídeos no Youtube, jogos de computador com o tema da capoeira e algumas crianças acharam desenhos de colorir. Os alunos e alunas escolheram diversos tipos, uns de personagens infantis famosos, outros encontraram desenhos do artista argentino-brasileiro Caribé.

80. Disponível em: <http://bit.ly/2NMQYbm>. Acesso em: 20 ago. 2018.

Figura 4. Desenho do Mestre Bimba colorido por um aluno
Fonte: Acervo do autor.

Dando continuidade ao nosso registro, também imprimi desenhos que tinham maior relação com o contexto cultural da capoeira, como os instrumentos e outros elaborados pelo próprio Mestre Bimba. Quando viram os desenhos, muitos estudantes disseram que lembravam que eles apareciam no documentário assistido.

Figura 5. Desenho dos instrumentos da capoeira colorido por uma aluna
Fonte: Acervo do autor.

Eis que no meio do semestre, quando já tínhamos aprendido bastante coisa sobre a capoeira, depois de muita vivência, da assistência de um documentário, da experimentação dos golpes, com a formação de rodas, em que pudemos, além de jogar, tocar diversos instrumentos e cantar, pensamos que seria a hora de trocarmos o tema das aulas.

No entanto, quando mencionamos isso, muitos alunos e alunas acharam ruim. Disseram que ainda não tinham aprendido a jogar bem e que estavam gostando muito de aprender. Pensando em dar continuidade, ampliando e aprofundando a temática das práticas corporais afro-brasileiras, decidimos então tematizar o maculelê.

Na aula seguinte, o professor contou a história da origem do maculelê.[81] Nesta ocasião, o professor contou apenas uma das versões, que falava justamente sobre os negros quilombolas (o menino Maculelê), os indígenas (Aimorés que adotavam o Maculelê) e os colonizadores portugueses (que invadiam a tribo). Mas em outras aulas, falamos que essa lenda apresentava outras versões, algumas como o Maculelê sendo um menino indígena e outras com os invasores sendo outro grupo indígena e não colonizadores.

Depois da história, apresentamos os bastões de madeira (grimas), cortados e encapados com fita adesiva. Os alunos ficaram muito surpresos, acharam que o professor era maluco por deixá-los com aquelas "madeiras", além de ser diferente da capoeira, nenhum aluno tinha praticado maculelê antes, apenas alguns já tinham visto ao vivo ou em vídeos da internet.

No começo, chamavam de "capoeira com as madeiras", depois aprenderam o nome. Da mesma forma, o professor iniciava comentando algo sobre a prática corporal, os alunos e alunas iam

81. Conta-se que Maculelê era um menino negro fugido que tinha doença de pele. Ele foi acolhido por uma tribo indígena, os Aimorés, e cuidado por eles, mas ainda assim não podia realizar todas as atividades com o grupo, por não ser um índio. Certa vez Maculelê foi deixado sozinho na aldeia, quando toda a tribo saiu para caçar. Eis que os colonos portugueses apareceram para destruir a tribo. Maculelê, usando dois bastões, lutou sozinho contra o eles e heroicamente, venceu a disputa. Desde então passou a ser considerado um herói na tribo e teve sua doença de pele curada pelo pajé.

falando, sugerindo e perguntando. Perguntaram, por exemplo, se tinha música, se valia chutar, se podia bater os bastões no colega e se poderiam jogá-los no "oponente". Neste início, também não sabiam direito o que fazer com os bastões e, algumas vezes, acabaram acertando os dedos dos colegas.

Desta forma, também recorremos aos vídeos de maculelê disponíveis na internet. Em uma das aulas fomos a uma sala com televisão e assistimos quatro pequenos vídeos de grupos que ensinavam e apresentavam o maculelê. Foi importante eles perceberem também que diversas pessoas brincam/lutam/jogam/dançam o maculelê no Brasil. Ouvimos as músicas e também observamos que os grupos dançam de diferentes formas e diferentes ritmos. Uns batiam os bastões duas vezes, outros três. Até facão é utilizado por alguns grupos no lugar dos bastões de madeira, e eles servem para atacar e se defender, mas que também são utilizados para marcar o ritmo da dança.

O boa noite, pra quem é de boa noite
O bom dia, pra quem é de bom dia
A bênção, meu pai a bênção
Maculelê é o rei da valentia

O boa noite, pra quem é de boa noite
O bom dia, pra quem é de bom dia
A bênção, meu pai a bênção
Maculelê é o rei da valentia

Maculelê de onde é que veio
Eu vim de Angola ê

Mestre Popó de onde é que veio
Eu vim de Angola ê

E o atabaque de onde é que veio
Eu vim de angola ê

E o agogô de onde é que veio
Eu vim de Angola ê

Copiando dos vídeos que assistimos, começamos a combinar os passos e explorar mais os movimentos de dança. Foi difícil, mas muito divertido. Muitos alunos e alunas criaram coreografias, movimentos de giros, misturaram coisas da capoeira com o maculelê. Esse momento de criação foi bastante especial em relação à experiência pedagógica.

Fizemos esses movimentos e gestos por bastante tempo, em muitas aulas. Mas não era fácil. Alguns alunos inclusive acharam mais difícil que a capoeira, pois precisavam bater os bastões no momento certo, senão não fazia o barulho, um dos lados teria que esperar e descaracterizava a prática corporal. Diante dessa dificuldade, convidamos um professor da rede municipal de São Paulo que tinha bastante experiência com a capoeira e com o maculelê para nos ajudar.

O Marquinhos apareceu em um dos dias. Baixou o atabaque e tocou no ritmo do maculelê. Os alunos já conheciam bem a letra da música, e o receberam cantando e dançando. Depois o professor Marquinhos nos ensinou mais passos e formas de usar as grimas do maculelê.

Figura 6. O professor Marquinhos tocando atabaque no dia que foi na escola nos ensinar sobre o maculelê

Fonte: Acervo do autor.

Já no fim da experiência, convidamos um grupo de capoeira para visitar a escola[82]. Como estávamos próximos de um evento chamado feira cultural, decidimos elaborar uma apresentação de capoeira e de maculelê com os alunos e alunas da escola juntamente com os capoeiristas convidados.

Figura 7. Os alunos e alunas da escola se apresentando, dançando e lutando maculelê na feira cultural
Fonte: Acervo do autor.

Primeiro começamos a apresentação com o maculelê, entrando no pátio da escola correndo e batendo as grimas. Formamos a roda e, em duplas, dançamos o maculelê. Depois que os alunos fizeram maculelê, os capoeiristas do grupo de capoeira convidado, Associação Capoeirarte, também participaram. Foi um momento muito importante, pois, ao mesmo tempo em que estávamos demonstrando o que havíamos aprendido, para muitos que ali estavam também era a primeira oportunidade de observar e participar de uma roda de capoeira grande, com muitas pessoas assistindo.

82. Um agradecimento aos amigos e parceiros do grupo Associação Capoeirarte, da zona sul de São Paulo. Um obrigado especial a Ivonildo (Cabecinha), Flaubert (Pernalonga) e Daniel (Jamaica) pela atenção dispensada e carinho com os alunos no dia da apresentação.

Figura 8. Os alunos da escola jogando capoeira na feira cultural
Fonte: Acervo do autor.

Fazendo uma breve avaliação do projeto, podemos dizer que a continuidade dos temas em relação às práticas corporais afro-brasileiras, começando pelas brincadeiras dos povos africanos, depois a capoeira, por fim, o maculelê, possibilitou uma gama enorme de discussões, problematizações, aprofundamentos e ampliações. Com a duração de um ano letivo inteiro, tivemos tempo e, assim, conseguimos recorrer a diversas estratégias de ensino e procedimentos didáticos para a tematização destas práticas. Por exemplo, vimos vídeo, ouvimos histórias, desenhamos, colorimos, vivenciamos corporalmente, tocamos instrumentos, cantamos, recebemos convidados, nos apresentamos em um evento escolar bem grande, conhecemos um grupo de capoeira, entre outras.

Pensamos, aqui, que os apontamentos advindos do Projeto Político Pedagógico da unidade escolar que destacavam os direitos humanos foram amplamente abordados, em especial os que apontam o direito à liberdade, o direito à vida, sem distinção de qualquer espécie, seja de raça, cor, língua e religião, direito de participar livremente da vida cultural da comunidade, entre outros.

Por fim, destacamos que o interesse dos estudantes pela música da capoeira e do maculelê foi contagiante. Às vezes antes de o professor chegar à sala para trazê-los para a quadra, já se ouvia muitos deles cantando na sala. Alguns, inclusive, não gostavam muito da ginga, dos golpes e do jogo, passavam a se dedicar mais

nas atividades que fazíamos com os instrumentos. Isso também demonstra que, ao diversificarmos as atividades, os assuntos e as atividades pedagógicas, um maior número de crianças se sente contemplado com a experiência pedagógica.[83]

83. A partir das atividades desenvolvidas com o maculelê, também elaboramos um vídeo com o nome *Maculelê na educação física escolar*. Disponível em: <http://bit.ly/2DxsGNK>. Acesso em: 20 ago. 2018.